

Nietzsche – conscientização e mudança

Hugo França de Souza¹

RESUMO: Nietzsche, inserido em seu tempo, identifica a desvalorização da vida por parte dos valores impostos pela moral vigente. Segundo o filósofo, tais valores provocam anulação da vida. Assim, o objetivo do trabalho é compreender o caminho que Nietzsche faz para apresentar a necessidade da transvaloração de todos os valores. A metodologia é de cunho bibliográfico, utilizando-se a obra *Assim falou Zaratustra*, em específico o texto *Das três metamorfoses*. O filósofo tece críticas ao mostrar que o camelo representa o sujeito do rebanho, carrega pesados fardos, vive uma vida de sofrimento e obediência. O leão reflete a imagem do início da mudança; tem força para dizer “não” ao que é um fardo e inicia um caminho de libertação enfrentando o dragão, mas não chega à real liberdade. Algo ainda o prende ao passado. Por fim, a criança, personagem da terceira metamorfose, dispõe de força criativa para libertar a vida das correntes da moral. Não tem preocupação com o passado. Vive por completo o presente, permanecendo sempre aberta ao devir criativo da vida. Segundo o pensamento nietzschiano é a criança quem realmente realiza a verdadeira libertação, causando uma transvaloração de todos os valores como objetivo da valorização e afirmação da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Metamorfoses. Valores. Negação. Vida. Devir.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseia-se no texto *Das três metamorfoses*, presente logo no início da obra clássica de Friedrich Nietzsche *Assim Falou Zaratustra*. O autor utiliza-se das imagens do camelo, do leão e da criança, com o objetivo de provocar em seus leitores o despertar da consciência para a forma na qual vivem os valores morais, em especial, a moral cristã.

Nietzsche tece forte crítica à moral vigente, utilizando-se não de conceitos filosóficos como é mais comum entre os filósofos, mas sim, por meio do emprego de metáforas para descortinar o ser humano da necessidade de refletir sobre suas condições de liberdade. As três imagens destacadas pelo filósofo indicam que o ser humano precisa tomar consciência para enfrentar sua caminhada, e desse modo, poder chegar realmente à sua condição de indivíduo livre do rebanho que a moral impõe.

Segundo o pensamento nietzschiano, o ser humano precisa tomar consciência de seu estado de camelo e ter a coragem de enfrentar o deserto da mudança para o leão. Este, por meio de seu agressivo rugido, precisa iniciar um caminho de destruição dos valores impostos pela moral, e buscar cada vez mais, a liberdade que será confirmada na vivência lúdica, livre e criativa na figura da criança (THOMASS, 2019, p. 112).

1 Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (MG). E-mail: hugo-franca1985@hotmail.com

A problemática é como Nietzsche entende a moral religiosa. À vista disso, o objetivo do trabalho é compreender o caminho que Nietzsche faz para apresentar a necessidade da transvalorização de todos os valores e a afirmação da vida. A metodologia é de cunho bibliográfico, utilizando-se a obra *Assim falou Zaratustra*, em específico, o texto *Das três metamorfoses*.

O presente trabalho compõe-se de introdução, desenvolvimento e conclusão. O desenvolvimento estrutura-se da seguinte forma: primeiro, como o espírito se torna camelo; segundo, como o camelo se torna leão; terceiro, como o leão se torna criança.

1 COMO O ESPÍRITO SE TORNA CAMELO

O camelo é um mamífero de grande porte, consegue suportar altas temperaturas e fortes ventos como é próprio do deserto. Possui patas adaptadas para solo arenoso, o que facilita seu deslocamento. O camelo é símbolo de resistência e de força. “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado” (NIETZSCHE, 2018, p. 25).

O camelo é forte, resistente e reverente. Ele é, de acordo com Nietzsche, símbolo de todo aquele que aceita, sem questionar, o peso imposto sobre seus ombros. Vive reverente e submisso ao outro ou à norma. “O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado” (NIETZSCHE, 2018, p. 25).

Ele alegra-se por suportar tamanha carga sobre seus ombros e sente-se realizado ao enfrentar as dificuldades do deserto. O camelo orgulha-se por ser forte e carregar o pesado fardo da humilhação. “O que é o mais pesado, ó heróis? - pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força” (NIETZSCHE, 2018, p. 25).

É visível que o camelo sente-se honrado por ter a capacidade de enfrentar os grandes desafios e carregar pesadas cargas em suas costas que se tornam calejadas pelo peso imposto. O camelo é apresentado por Nietzsche como aquele que apenas tem alegria de viver para obedecer, sem questionar, o porquê de precisar obedecer. (NETO; GIACOIA JR, 2013, p. 232).

De acordo com o pensamento de Nietzsche, o camelo é símbolo de todo aquele que vive sua vida sem questionar o “tu deves” que lhe é imposto. Ele aceita ordens e coloca-se de joelhos para carregar sem questionar as cargas que lhe são impostas. O camelo anula a si mesmo e vive uma dimensão ilusória do que seja a liberdade realmente (THOMASS, 2019, p. 111).

Com isso, ao usar a imagem do camelo que ajoelha-se para receber pesados fardos sobre suas costas com reverência, Nietzsche faz críticas àqueles que vivem uma vida de sacrifício na realidade terrena e acreditam que isso seja necessário para no futuro, depois da morte, viverem uma eternidade feliz (MACHADO, 2022, p. 33).

Nietzsche crítica a moral religiosa ao mostrar que o camelo é símbolo de todo ser humano que vive uma vida de anulação à realidade terrena na espera de uma felicidade completa

que se dará após a morte, no mundo metafísico. Desse modo, o homem acolhe o peso da moral religiosa sem questionar sua legitimidade, e apenas recebe o fardo e enfrenta o sacrifício de forma silenciosa (THOMASS, 2019, p. 105).

Nietzsche reconhece que, aquele que vive orientado pela moral, não é uma pessoa livre. Ele não goza da liberdade por estar sujeito a viver as normas impostas, o que torna sua liberdade irreal, causando enfraquecimento e negação da vida. “Nietzsche considera os valores morais como sendo tudo aquilo que a tradição consagrou como realidade perfeita e acabada, atrofiando, oprimindo e enfraquecendo a vida” (FEILER, 2011, p. 26).

Fica visível que o camelo tem força para carregar o peso imposto, mas não é capaz de direcionar essa mesma força para questionar o real motivo que faz com que seja preciso viver uma vida de restrições e sacrifícios. “Quando considerada na perspectiva das forças, a moral é um poderoso instrumento de conservação do fraco; mas por isso mesmo enfraquece a vida, transforma a força em fraqueza” (MACHADO, 2022, p. 105).

A imagem do camelo deve despertar nossa consciência diante da quantidade de normas que também temos que seguir, tantas que, na maioria das vezes, já não se pergunta se elas são fundamentais ou não para a afirmação da vida. Diante disso, não se pode negar que, em muitos momentos, os exemplos do camelo são simplesmente seguidos, obedecendo sem questionar, a utilidade da norma. A força se faz presente.

Não se pode negar a admirável força do camelo. Por outro lado, identifica-se que ele não consegue fazer uso dela para afirmar a vida. Ele remete a todo ser humano que também goza de força, porém, vive a negação dessa força preso a convicções que não garantem a liberdade, e sim, o sacrifício e o medo de perder a vida feliz no pós-morte. “Homens de convicção não devem ser levados em conta em nada fundamental referente a valor e desvalores. Convicções são prisões” (NIETZSCHE, 2016, p. 64).

Nietzsche é contra tudo que provoca anulação da vida, pois segundo o filósofo, a uniformização provoca uma negação da vida, fazendo com que o ser humano não tenha a coragem de reagir diante do peso colocado sobre sua vida. A uniformização não favorece o ser humano a olhar novos horizontes de possibilidades e de afirmação da vida.

De acordo com Nietzsche, para que a vida possa ser afirmada no que tem de mais genuíno, as forças em luta e combate, é necessária a destruição daqueles referenciais de verdade, cuja inibição e escamoteamento resultam em fraqueza e enfermidade (FEILER, 2011, p. 53).

Para que o ser humano valorize e favoreça plenamente a vida, precisa ser realmente livre das suas convicções e dogmas impostos pela moral cristã. Precisa ainda carregar aquilo que realmente é seu e seja para afirmação da vida. Diante dessa consciência, o camelo, em ritmo lento devido ao grande peso a suportar nas costas, caminha para o deserto a passos lentos. “Todas essas coisas, mais que pesadas, o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao

camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto” (NIETZSCHE, 2018, p. 25).

O camelo, a passos lentos, inicia um caminho de reflexões e decisões. É preciso ser realmente livre. Chega de machucar os joelhos. Chega de suportar tantas cargas pesadas que não lhe pertencem. Chega de negar o que existe de mais precioso e sagrado que é sua vida. É preciso uma libertação verdadeira para sair do rebanho. Diria Nietzsche: mudar é essencial para afirmar a vida.

2 O CAMELO SE TORNA LEÃO

A experiência de solidão que o camelo enfrenta no deserto, leva-o a reconhecer sua submissão, anulando sua vida. Isso não é algo saudável para ele. Somente ele terá a capacidade de lutar por mudanças e chegar à real liberdade. “Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto” (NIEZSCHE, 2018, p. 25).

O camelo, manso e obediente, dá lugar ao leão, que por sua vez, é caracterizado por sua coragem e bravura em querer delimitar o seu verdadeiro espaço e tornar-se rei. Diante disso, trava uma luta com um forte inimigo, o grande e poderoso dragão. “Qual é o grande dragão, que o espírito não deseja chamar de senhor e deus? ‘não-farás’ chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz ‘eu quero’” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

O dragão, com o qual o leão trava uma poderosa luta, é símbolo de tudo aquilo que impõe a ordem “não-farás”. Esse ser mitológico domina há muito tempo, e por essa razão, não é fácil derrotá-lo por tamanho poder que possui, representado nas suas escamas brilhosas. “Valores milenares brilham nessas escamas, e assim fala o mais poderoso dos dragões: ‘todo o valor das coisas brilha em mim’” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

O leão reconhece que não é possível e tampouco saudável para vida a submissão. É necessário, por mais difícil que seja, enfrentar essa realidade e assim buscar mudança. A busca por libertação da vida passa a ser objetivo latente na figura do leão. “Criar liberdade para si e um sagrado não também ante o dever: para isso, meus irmãos, é necessário o leão” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

O leão é imagem de todo ser humano que consegue olhar e reconhecer a impossibilidade de continuar uma vida de submissão à moral cristã ou a qualquer outra ordem que seja contrária à afirmação da vida. Agora, é essencial proporcionar ao homem que ainda permanece preso à moral de rebanho, olhar novos horizontes. Ele precisa ser realmente liberto das algemas da moral, sair do rebanho que não valoriza a vida e descobrir o que seja realmente correto e valioso para sua vida (SOUSA, 2016, p. 67).

O desejo que agora nasce da consciência livre do leão e conseqüentemente do ser humano. É um sentimento de revolta por tudo o que foi imposto em suas costas por longo

tempo como o que existia de mais correto. Essa revolta agora gera força de destruição contra tudo o que o homem fora obrigado a viver. Ele passa nesse momento a afirmar suas vontades e desejos.

Ele amou outrora, como o que lhe era mais sagrado, o ‘tu-deves’; agora tem de achar delírio e arbítrio até mesmo no mais sagrado, de modo a capturar a liberdade em relação a seu amor: é necessário o leão para essa captura (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

O leão, com sua agressividade, tem a responsabilidade de provocar o desvencilhar de tudo aquilo que é fonte de anulação da vida na realidade sensível. Por mais difícil que venha a ser, dizer com segurança e liberdade o “eu quero”, passa a ser algo de suma importância em defesa da vida tão castigada pela moral cristã.

Para o filósofo alemão, a mudança perpassa o todo, de modo que a realidade como um todo é vir a ser. E é graças ao movimento contínuo de todo as coisas que a vida, a realidade fundamental enfatizada por Nietzsche, pode se afirmar (FEILER, 2020, p. 324).

A mudança exige sempre coragem para saber lidar com o desconhecido; tudo aquilo que não se tem experiência, e assim, é fundamental aprender a viver e orientar suas ações a partir de sua independência. A luta pela libertação da vida está travada e não pode acontecer além deste mundo sensível. Logo, o que resta é lutar por afirmar a vida e não deixá-la em uma dimensão de sofrimento, anulação e sacrifício (HAASE, 2011, p. 50).

Como bem identifica Nietzsche, a imagem do leão e tudo o que ele realmente representa, é fundamental nessa segunda metamorfose. Ele sempre esteve a obedecer em conformidade com o espírito do camelo, até o momento em que realmente faz a experiência de olhar para o seu real deserto interior e não conseguir encontrar sentido. “Depois que cansei de procurar aprendi a encontrar. Depois que um vento me opôs resistência velejo com todos os ventos” (NIETZSCHE, 2012, p. 17).

Segundo o pensamento nietzschiano, para o homem que encontra-se preso às grades da má-consciência, tendo como juízo a moral cristã, faz-se necessário a destruição dos valores apreendidos e incorporados ao longo de vários séculos. Diante disso, é mister reconhecer o quanto é preciso tirar a centralidade de todos os valores morais, que por sua vez, ainda oferecem sentido a uma grande parte dos homens, e eles os têm como valores supremos. Entretanto, para que isso aconteça realmente, é essencial a destruição de toda a estrutura moral construída até o momento (MACHADO, 2022, p. 125).

O início dessa transformação já acontece a partir do momento em que o leão não aceita mais colocar-se de joelhos (espírito do camelo) para ser carregado com fardos pesados. Ele agora resiste e pergunta pelo real sentido de tudo aquilo que é imposto a sua vida, sobretudo quando isso provoca sofrimento e anulação da vida. O leão mostra-se resistente à vontade externa e busca espaço para afirmar a vida (GIACOIA JUNIOR, 2014, p. 200).

Na segunda fase da metamorfose apresentada por Nietzsche, o leão tem a coragem de abandonar o peso que era colocado sobre sua vida, dando garantia de uma vida feliz no mundo suprassensível. Ele agora olha com atenção para a realidade sensível, e reconhece a importância de valorizar a vida na terra. “Eu vos imploro, irmãos, permaneço fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não” (NIETZSCHE, 2018, p. 13).

O leão tem consciência de que não pode mais viver uma vida de submissão à moral, e precisa destruir todos os valores construídos por ela até o momento. Por outro lado, fica claro no pensamento nietzschiano que o leão não consegue ainda ser totalmente livre das amarras dessa moral, e por isso, não consegue criar algo que possa ser colocado no lugar dessa moral. “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para a nova criação – isso está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

O leão tem consciência da necessidade de mudança, assim como o homem, em vários momentos, também tem essa consciência de mudar algo na vida. Entretanto, nem sempre ele tem a coragem de enfrentar o novo.

Dessa forma, ao mesmo tempo que o leão é capaz de dar um basta a tudo aquilo que anula e nega a vida, criando uma liberdade para olhar novos horizontes, ele ainda não consegue ir além disso, não consegue criar algo novo por permanecer preso aos valores antigos.

Para tanto, torna-se essencial a terceira metamorfose do espírito apresentada por Nietzsche. O leão, corajoso por fazer a experiência do nada no deserto, transforma-se agora em uma indefesa criança (NETO; GIACOLA JR, 2013, p. 232).

3 O LEÃO SE TORNA CRIANÇA

O leão tem a capacidade de reconhecer a necessidade de ser liberto das grades da moral, chegando a abrir os portões da prisão. No entanto, não tendo a coragem de sair do cárcere, continua preso, sendo sujeito do rebanho. Surge então, necessariamente, a terceira metamorfose do espírito como apresenta Nietzsche: o leão precisa transforma-se em criança. “Mas digei-me, irmãos, que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança?” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

A busca de superação inserida na realidade inata do ser humano tem como paradigma a criança, que vive na sua totalidade, todos os seus momentos, e por esse motivo, tudo o que ela faz é real e verdadeiro. “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer - sim” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

Como destaca Nietzsche, a inocência da criança a conduz para um novo olhar sobre tudo o que está a sua volta, não entendendo a realidade terrena como ambiente de sofrimento ou algo desse tipo. A criança deseja conhecer e viver cada momento de sua vida em sua

inteireza, o que mostra sua originalidade na edificação da vida. “Sim, para o jogo da criança, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer – sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

Na terceira metamorfose, a criança, frágil e inocente, tem força para transpor as transformações anteriores. Não carrega o peso da exigência moral em sua consciência. Não se preocupa com o passado. Por isso, não arrasta o medo da punição para sua vida. A criança, na sua inocência, vive o presente com o olhar centrado no momento, no que ela está desenvolvendo. Vive o seu instante por completo. A criança não tem o olhar direcionado para o além como era exigido que o camelo e o leão tivessem olhando (THOMASS, 2019, p. 180).

Por ser diferente das duas transformações supracitadas, a criança tem profunda abertura para acolher o que lhe é apresentado sem fazer uso de juízo de valor. Ela vive aquilo que o destino coloca sem a preocupação de ser graça ou punição. Ela acolhe o *amor fati* na sua totalidade. “*Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feito. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores” (NIETZSCHE, 2012, p. 166).

A criança, na aparente fragilidade e inocência, dispõe de abertura para viver o *amor fati* sem o medo do passado ou futuro. Assim, ela é colocada por Nietzsche como símbolo da abertura para uma transformação autêntica, sem o peso da castração imposta pela moral cristã. Diante disso, a criança goza da força para escrever uma nova tábua de valores que corresponda às necessidades do ser humano e o ajude a viver uma vida autêntica, sem o medo da punição neste mundo ou em outro (SOUSA, 2016, p. 77).

A criança, por não trazer nada do passado que possa interferir em sua vida moral, goza da força de lançar críticas à moral cristã ou a qualquer outra ordem imposta contra a realização da vida. Ela é a única que pode colocar em questão a validade de todas as normas impostas até o momento por ter uma consciência livre do passado. “Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (NIETZSCHE, 2009, p. 12).

Agora, o ser humano precisa estabelecer novas diretrizes, tendo como matriz não a moral anterior fadada pelo tempo e que não valoriza a vida, mas estabelecer uma nova tábua de valores que tenha como meta a afirmação da vida e às coisas do mundo terreno. “A saída apontada pelo filósofo alemão é a de uma transvaloração dos valores, ou seja, reavaliar a sua avaliação a fim de se reverter o peso atribuído aos mesmos de modo que o valor dos valores seja garantido: a vida” (FEILER, 2018, p. 22).

A criança, na terceira transformação, tem a missão, de acordo com o pensamento nietzschiano, de proporcionar uma solução para a crise de valores que existe no momento. A solução apresentada pela criança nietzschiana é a transvaloração de todos os valores, não olhando para o passado com suas normas de punição para a vida, e sim, valorizar o presente e a realidade terrena, tendo a coragem de viver a vida aberta a transformações que sejam

necessárias pelo próprio tempo, no entanto, respeitando e valorizando a vida na sua totalidade. “Assim, é sobre as bases do inovar, do mudar e do criar que Nietzsche pretende dar cabo ao seu projeto de transvaloração dos valores, ou seja, estabelecer valores sobre aquelas novas bases” (FEILER, 2011, p. 98).

Nietzsche identifica, na terceira metamorfose, a criança como paradigma para chegar ao sucesso da transvaloração de todos os valores, pois ela, mesmo sendo frágil, dispõe de força criativa para proporcionar ao ser humano uma libertação da vida na sua totalidade. Os novos valores devem integrar a vida do ser humano para viver nesta realidade com liberdade. “Ser livre de todo tipo de convicções faz parte da força, poder olhar livremente” (NIETZSCHE, 2016, p. 65).

Perpassando pelas três metamorfoses do espírito, a criança é a única que consegue, na sua fragilidade e inocência, ensinar como o ser humano deve viver a vida. Ela aponta para a coragem criativa, transformação e evolução em todos os momentos de sua existência. Contudo, a criança ainda deixa claro que é preciso viver o momento na totalidade. “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós” (NIETZSCHE, 2018, p. 16).

CONCLUSÃO

Ao compor uma forte crítica à moral vigente, o filósofo alemão, a partir do seu método genealógico, destaca que os valores são frutos de escolhas humanas. Tais valores colocam o homem dentro de uma realidade histórica. A partir disso, Nietzsche não mais aceita a ideia de que os valores morais são eternos e imutáveis (MACHADO, 2022, p. 84).

As imagens do camelo, do leão e da criança são ícones do próprio estilo de vida que o ser humano leva diante dos valores impostos pela moral. O camelo é símbolo daqueles que não conseguem libertar-se do peso da vida colocado pelos valores antigos, que mesmo não sabendo a origem desses valores, não aceita renunciá-los com medo de perder a vida feliz depois de uma vida de sofrimento aqui na terra. Logo, ele nega sua vida aqui na terra com a esperança na promessa de uma vida feliz no pós-morte. O camelo luta para conservar a sua dura forma de vida.

O leão consegue vislumbrar novos horizontes. Ele tem a coragem de falar “não” ao símbolo dos valores impostos, o dragão poderoso. Na segunda fase da metamorfose, ganha espaço uma revolta, que por sua vez, vai ser importante para iniciar o caminho de libertação, e conseqüentemente, iniciar a destruição de alguns valores já dominantes há muito tempo. Entretanto, o leão não chega, segundo Nietzsche, a proporcionar uma verdadeira libertação.

Na terceira metamorfose acontece realmente a liberdade de todas as correntes da moral. A criança, frágil e inocente, tem força libertadora da vida. Ela não permite mais peso em sua vida, não tem uma preocupação com valores criados antes dela, não olha para o passado. A criança tem sua independência, o que a coloca em condição de abertura para o devir

criativo sem o medo da punição que existia no camelo de forma mais forte, e conservado ainda em grau menor no leão.

Diante do caminho apresentado por Nietzsche, percebe-se que o ser humano passa por essas três metamorfoses. Há momentos em que o homem chega a ser, ao mesmo tempo, duas dessas transformações, camelo e leão. Contudo, o mais esperado é que o ser humano tenha sempre abertura para ser a criança e viver o devir criativo, valorizando a terra e sua existência, afirmando a vida na sua totalidade como o que existe de mais sagrado no mundo.

REFERÊNCIAS

- FEILER, Adilson Felício. *Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- _____. Nietzsche e o niilismo. Uma experiência possível? In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v.9, n.1, p. 08-25, 2018.
- _____. Nietzsche e um jeito diferente de fazer filosofia: da superação à genealogia do pensamento. In: *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa-BA, v.20, n.3, p. 322-332, 2020.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAASE, Ullrich. *Nietzsche*. Tradução Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- NETO, Antonio Florentino; GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *O Nada absoluto e a superação do niilismo: os fundamentos filosóficos da Escola Kyoto*. Campinas: Editora PHI, 2013.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- _____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- _____. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SOUSA, Erica Costa. *Nietzsche: para uma ética da afirmação da vida*. Curitiba: CRV, 2016.
- THOMASS, Balthasar. *Afirmar-se com Nietzsche*. Tradução Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019.